

UMA CIMEIRA SEM RESULTADOS?

por Mário Soares

1. No fim da semana passada assistimos a um espectáculo mediático mundial de grande aparato, mas com escassos resultados: a Cimeira do G20, a que afinal compareceram 21 chefes de Estado ou de Governo, com a presença ainda do Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, do Presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick, do Fundo Monetário Internacional, Dominique Strauss-Kahn, do Fundo de Estabilidade Financeira, Mário Draghi e do Presidente da União Europeia, Durão Barroso.

A primeira questão que se põe - mas que ninguém quis levantar, por razões diferentes - é a da sua oportunidade, mais que discutível. George Bush, o anfitrião, está de saída (a 20 de Janeiro de 2009) e para além de já não contar quase nada, é um dos responsáveis principais por tudo o que de mau estamos a viver. A esmagadora maioria da opinião pública mundial - Ocidente e países emergentes ou assim, impropriamente, chamados - terá tendência a pensar que se trata de uma operação para branquear as responsabilidades de Bush e para lhe dar, em fim de mandato, uma imagem de menor opróbio ou ignominia... Será possível?

Obviamente, que a situação de crise financeira e agora económica - para não falar no resto - que se está a generalizar e a aprofundar, cada dia mais, requer medidas urgentes e de fundo. Mas como as discutir a sério e pôr em marcha, se pela força das circunstâncias se deixa de fora o presidente eleito dos Estados Unidos - que percebeu que não podia aceitar o convite, porque estava obviamente armadilhado - e que foi eleito por justamente se declarar disposto a mudar tudo e a iniciar uma época inteiramente nova no plano das políticas internas, que levaram à crise financeira e à recessão económica e no domínio das relações externas...

É, com efeito, chocante que os homens que acompanharam Bush no passado - e que ficaram marcados com o estigma da guerra do Iraque e de outras malfeitorias, como : Berlusconi, Brown, Sarkozy e Durão Barroso, entre outros, os rostos de um passado recente que não deixou saudades - se queiram agora agarrar a Obama, sem largar Bush e, ao mesmo tempo, queiram resolver a crise gravíssima que o mundo está a viver, sem ter para tal uma ideia de conjunto e sabendo-se que eles foram, senão responsáveis, pelo menos, cúmplices activos de Bush desde a invasão do Iraque...

Como era de esperar, não houve concertação possível entre eles e da Cimeira não saiu nada de muito concreto nem que jeito tenha. Houve boas intenções e algumas promessas retóricas. Reformas sim, claro, disseram em câmbio, mas não um novo Bretton Woods - que horror! - quando é precisamente disso que se trata.

O novo Presidente russo, Eugeni Medvedev, queria mais reformas, obviamente. Mas nem sequer as propôs. Ban Ki-Moon, Secretário Geral da ONU, insistiu em afirmar que era preciso constituir um Governo económico mundial, como algo de utópico e longínquo. Zapatero foi um

pouco mais concreto e pronunciou-se no sentido de dentro de um ano implantar uma nova regulação do sistema financeiro. É necessário, claro. Mas dispensou-se de dizer como e em que bases. Não valia a pena. Strauss-Kahn, presidente do Fundo Monetário Internacional, de triste memória, ficou de implementar um sistema de alerta precoce contra novas crises financeiras, esquecendo-se de nos esclarecer como nos livramos da crise que nos afecta ou se a composição do Fundo continuará ou não como está. E por aí adiante...

Bush, pudera, preveniu contra o excesso de regulação financeira, não se vá pensar em acabar com os paraísos fiscais - que estão na base de todas as negociatas e imoralidades - e, pelo menos, o nosso Lula da Silva disse, finalmente, que o G8 não tem qualquer razão para continuar a existir, porque as economias emergentes são preponderantes na economia global. Terá sido ouvido?

Durão Barroso, como Monsieur Jourdain, que fazia prosa sem saber, reconheceu que as instituições financeiras não se podem reformar em dois dias. Claro que não. Porquê então tanta pressa e, realizar esta Cimeira, antes do Presidente eleito dos Estados Unidos, tomar posse e de ter tempo para anunciar as linhas gerais de uma estratégia de verdadeira mudança para fazer face à crise?

Enquanto isso, a crise vai atingindo mais Estados e fustigando as populações indefesas, que não têm qualquer culpa nela e poupando os delinquentes responsáveis que ninguém sabe onde estão e se são finalmente julgados...

2. O descontentamento dos professores. É um fenómeno grave e que está perigosamente, para todos, a generalizar-se. Tenho amizade e admiração pela Senhora Ministra da Educação, Dr^a. Maria de Lourdes Rodrigues. Acho que, no que respeita ao fundamental, tem razão. Mas o *modus faciendi* não tem sido feliz. Tem havido, por outro lado, muita incompreensão intencional e alguma demagogia. Ver e ouvir crianças de doze e treze anos a gritar, alegremente, em escolas fechadas a cadeado: "Ministra, para a rua, ministra para a rua", não é nada que possa agradar a alguém com um mínimo de senso pedagógico ou de responsabilidade. Bem como atirar ovos e tomates para cima da Ministra. Inaceitável, em democracia.

Tenho-me sempre pronunciado no sentido de que não é possível, em democracia, fazer uma reforma do ensino contra a vontade generalizada dos professores, como fazer uma reforma da saúde, contra os médicos e os enfermeiros ou uma reforma da justiça contra os magistrados. Mas é também exacto que um Estado de Direito - legitimado por uma maioria democrática, como é o caso - não pode transigir ou aceitar que os interesses corporativos se situem acima do interesse geral ou muito menos ainda que os Governos caiam por manifestações de rua.

Por outro lado, reconheça-se, que os Sindicatos foram de algum modo ultrapassados - pelo menos na última manifestação, dita espontânea, convocada pela Internet - por grupos de professores e de pessoas indeterminadas, com interesses contraditórios, estranhos aos Sindicatos, mas interessados em derrubar o Governo, sendo que a luta contra a Ministra parece ser instrumental, para chegar ao Primeiro Ministro.

Acresce que estamos a entrar num ano - 2009 - em que a população começa a sentir que vai ter de lutar contra uma crise duríssima. O descontentamento vai aumentar. E, para mais, num ano de múltiplas eleições: para o Parlamento Europeu; Autárquicas; e Legislativas, quando os interesses contraditórios mais se manifestam. É extremamente perigoso deixar que se junte a estas dificuldades óbvias uma agitação latente de tipo social. A democracia, pluralista e respeitadora dos Direitos Humanos, tal como a temos vindo a construir, há quase trinta e cinco anos, pode estar em causa. Não é impossível, num mundo tão inseguro e em que as mudanças são vertiginosas. A Europa pode deixar de ser um bastião da democracia, como tem sido. Apelo, por isso, aos líderes políticos e sindicais, se me possa permitir fazê-lo, para que tenham em conta essa possibilidade, que seria irreparável. Não basta criticar o que está, o que é, aliás, uma condição de liberdade. É preciso saber quais são as alternativas possíveis e em que consistem.

A solução pode estar na mão da Senhora Ministra e dos Sindicatos. Ambos dizem que querem a avaliação. Ótimo, mas não esta, que é - dizem - demasiado burocrática, pesada e injusta para os professores. Admitamos. Porque não se juntam e conversam os Sindicatos e a Senhora Ministra, para lhe apresentarem uma avaliação alternativa? Será assim tão difícil encontrar um consenso mínimo? Os advogados e os juízes, costumam dizer, que um mau acordo é melhor do que a eternização de uma boa demanda!

Não deixemos que os ânimos se tornem irredutíveis, tanto mais que no ensino superior também há reitores e professores muito descontentes. É muito perigoso - repito - que a agitação, em época de crise, alastre... O Governo deve ser o primeiro interessado em dialogar e em ouvir os Sindicatos e os Partidos, instrumentos fundamentais em democracia.

Lisboa, 18 de Novembro de 2008